

Antropólogo visual, artista multimeios e professor de Artes e Antropologia na EACH/USP. Doutor em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS /Paris), com pós-doutorado pelo Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP. Pesquisador associado do departamento de Antropologia da Goldsmith (Londres) e colaborador do Forum Permanente (ECA/USP).

E-mail: opuscorpus@terra.com.br

A vida nas dobras: pontos, passagens e promessas

[44]

Começo quando era ainda criança. Havia um grande homem e uma pequena porta. Como me vingar dele? Como achar a passagem? Intuitivamente, entrei nas minhas dobras, nas minhas entranhas, no meu universo de tecidos bordados. Estava muito desconfiado e, como que para ficar mais à vontade, multipliquei as portas, os pontos que me amarravam à realidade enfadonha soltaram um a um. Por magia, o grande homem entrou na sua Galeria e levou com ele minhas caixas de Pandora. De fato, essa atitude libertadora me salvou mais de uma vez...

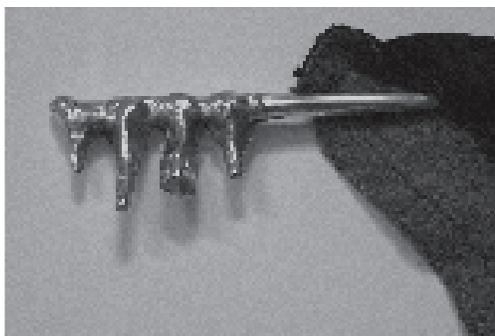
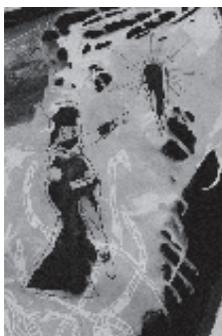
Destes tempos remotos, guardo as manias de guardar as coisas, de recortar e rebolar a realidade, de me esconder atrás das dobras da imaginação. Costurando tudo com meus próprios fios de Ariadne, vejo bem que as imagens que se sobressaíam evocam situações estranhas. De uma porta a um outro ponto da tela, minha atenção viravolta sem parar. Visões mitológicas saindo de uma pequena porta de plástico translúcido, Salomé está de férias na Bahia, ela encontrou com a Pandora no caminho de Santa Fé, mas não deu certo. Não rolou. As cabeças não se cortam assim tão facilmente. Resolvi voltar para meu buraco, voltar aos meus pequenos tesouros...

Faz muito tempo já, estava quase perdido. Uma montanha mágica de pequenas coisas frágeis e frajolas tinha surgido do nada... Resinas, restos, tiras de tecidos tingidos, traços e outros derivados sem corte... Tantas coisas, realmente, que me senti vivo na hora. É tão bom se espelhar nas suas coisas... Estavam lá, guardadas numas caixas de papelão branco. O branco, com o tempo, continuava tão puro. Na hora, fiquei tão curioso que esqueci dos fragmentos e comecei a viajar nessa cartografia de um País que quase existiu. Nostalgia, ecos sinestésicos de uma cavação recentemente aberta. Decidido a terminar minha própria arqueologia, sentei no chão imaculado de

um jardim suspenso no tempo e catei... cortei... catei.. cortei... catequese de um segredo esboçado. Abri as mãos, e vi com elas que as paisagens estavam se formando. Era trabalhoso. Sabia que o trabalho era malvisto... no mundo das Artes efêmeras. Mas persisti. Insisti. Cortei e coleí sem parar...

No fundão da minha galeria, continuei a cavar, a cavar de forma serpentina e de repente abri os olhos com a ajuda das minhas mãos: estava lá, depositada, organizada, customizada. Suma sincrética de toda minha memória afetiva... Parecia uma sela pronta para ser cavalgada, um estandarte de rei mumificado. Todos os materiais esquecidos, todas as formas, todas as fronteiras da imaginação costuradas, porém ainda soltas.

Me ajoelhei acima da caixa. Minha respiração se fez mais lenta, mais barulhenta. Num suspiro, me senti inspirado pelas camadas de artes que se desdobravam na minha mente. Parei para ver. Reconheci algumas conhecidas: Salomé estava apontando para mim. Queria me dizer algo. Os seus fluidos femininos me fascinavam cada vez mais e senti que devia parar de olhar para esta Medusa. Tirei meus olhos dela e fui para outra ponta. Uma ponta de bronze agarrou meu olhar e me deixou petrificado: lembrei do homem grande da minha infância, da sua bengala, das suas mãos magras e esguias, da sua força.



Obras de Nicolau Vergueiro

[45]

Do lado direito desta arma de dedos quebrados, localizei uma mancha vermelha. Sangue, canibalismo transbordando, Salomé parecia satisfeita. Tremia da cabeça. Fiquei vermelho e virei a cara... encontrei dois índios no prato, um era guarani e o outro guaraná. Nesse momento minha memória veio à toa: *that's how inspiration rolls...*



Fixei os olhos em cruz dos índios decapitados e lembrei que estava preparando a minha terceira exposição nesta Galeria. Minha cabeça cortada pelos canibais encontrou num túnel a cabeça de Jean-Baptista e Madame Salomé, Miss antropófaga se mudou para os Estados Unidos da América. Vi os clowns com seus chapéus pontudos, fechei a caixa e voltei para casa.

SAIBA MAIS

As obras aqui apresentadas são de autoria de Nicolau Vergueiro;

<http://davidkordanskygallery.com/exhibitions/view/74/>

Introducing Salomé, de Nicolau Vergueiro na Galeria David Kordansky, Los Angeles, USA.